

Cooperativas — problemas permanecem

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

O terceiro ranking das cooperativas agrícolas, que apresenta as 31 maiores cooperativas agropecuárias do Brasil, revela que essas organizações estão buscando superar velhos problemas, como o elevado endividamento de algumas, e procuram reunir condições para competir em mercados cada vez mais globalizados.

O cooperativismo brasileiro atingiu grande importância e vem-se expandindo por diversas áreas de atuação. No que se refere às cooperativas agropecuárias, as mais conhecidas — embora venham enfrentando, há anos, sérios problemas de capitalização, derivados principalmente do impacto do Plano Collor, em 1990 —, continuam apresentando números notáveis.

A Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) divulgou, há poucas semanas, que as exportações do sistema cooperativista aumentaram espetaculares 36%, entre o primeiro semestre de 1996 e o deste ano. Totalizaram pouco mais de US$500 milhões, o que torna lícito supor que a barreira de US$1 bilhão de vendas externas de uma variada gama de produtos poderá ser ultrapassada até o mês de dezembro.

Evidentemente, a situação favorável das cotações das mais importantes commodities agrícolas, destacando-se a soja e o café, tem responsabilidade direta pelo seu desempenho. Também a desgravação do ICMS tornou-as mais competitivas. Contudo, saber explorar as oportunidades abertas denota a capacidade de adaptação do setor ao dinamismo do novo mercado globalizado.

Em linhas gerais, as cooperativas detêm 6% das exportações agrícolas do país, mas são bem mais fortes justamente naqueles dois produtos, em que participam com aproximadamente 30% das vendas ao exterior.

Os problemas do setor, porém, persistem. Carentes de capital de giro, tiveram de aprender a utilizar da melhor maneira possível novas oportunidades de acesso ao crédito. Estruturadas para atender às características de uma economia antes protegida por sólidas barreiras tarifárias, viram-se forçadas a redefinir suas atividades.

Todo esse esforço de *aggiornamento* pode ser visto nesta edição de *Agroanalysis*, cujas maiores atenções foram dedicadas à elaboração e à análise do terceiro *ranking* do cooperativismo brasileiro, iniciativa inédita da equipe do Centro de Estudos Agrícolas, com o apoio do Centro de Estudos de Empresas e o reforço das avaliações de pessoas notáveis no meio da agricultura.

O presente *ranking* vale-se da mesma metodologia empregada para a feitura do rol das 500 maiores empresas brasileiras, inserido na revista *Conjuntura Econômica*, e da lista das 100 maiores empresas do agribusiness, publicada em *Agroanalysis*. Pode-se considerar, igualmente, que se coloca como modesta contribuição ao melhor entendimento do complexo universo do cooperativismo brasileiro.

Análise dos resultados

PATRÍCIA CRUZ GONÇALVES

As cinco primeiras posições permaneceram inalteradas em relação ao ano passado. A Copersucar (Cooperativa Central dos Produtos do Açúcar e do Álcool do Estado de São Paulo), continua como a primeira colocada, permanecendo como a maior cooperativa do Brasil. O valor de R$4,6 bilhões do seu ativo total em 1996, foi equivalente a 55% do ativo total das cooperativas. As vendas, no valor de R$1,9 bilhão, representaram 26% da receita total.

Em segundo lugar ficou a Coamo, com um ativo total de R$560 milhões, representando 6,6% do ativo total das cooperativas participantes. O valor de sua receita operacional líquida foi de R$694 milhões, ou 9,4% das vendas das cooperativas.

A cooperativa que apresentou a maior alteração de posição no *ranking* foi a Cotrijuí, que perdeu nove posições, saindo do 6º lugar em 1995 para o 15º em 1996.

O resultado da pesquisa referente ao exercício de 1996 mostra que as cooperativas estão atentas às necessidades de mudanças e estão buscando